

ABOR

NESTE NÚMERO:

A história de **HERNANI**
o portento de Águeda

CRÓNICA
Desportiva
N. 27



13 - OUTUBRO - 1957

Preço -- 1\$50

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

Todos os Domingos

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 27 — 13-10-1957

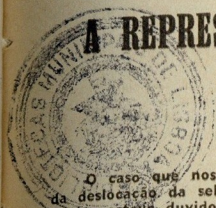
Director e Editor: VASCO SANTOS

Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefone: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA.—Distribuição da AGÊNCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

À ATENÇÃO DE QUEM DE DIREITO:

A REPRESENTAÇÃO DESPORTIVA NACIONAL E AS SUAS EXIGÊNCIAS



O caso que nos sugeriu este apontamento passou-se há poucas semanas, quando da deslocação da selecção nacional de atletismo a Barcelona. A viagem do «sprinter» Castro esteve duvidosa até à véspera da partida da equipa, porque o atleta não obtivera licença patronal para ser dispensado do serviço.

O caso ia sendo resolvido «à americana» — se é que na América algum patrão possa obstar que um empregado represente o país no campo desportivo. Um apelo do prof. Fernando Ferreira, treinador do atleta, pela Televisão, foi escutado por um casal amigo do chefe supremo do atleta em causa, que imeditamente, por iniciativa particular, se pôs em comunicação telefónica com aquela entidade. Todavia, uma hora, antes, já o superior de Castro tinha autorizado o seu subordinado a faltar ao serviço.

Realizou-se o encontro e verificou-se esta coisa peregrina: Portugal ganhou à Espanha por 2 pontos de diferença — e para este resultado vitorioso muito contribuiu o supracitado Castro!

Não nos admira nada que no espírito dos mais entusiastas do desporto e do atletismo, em especial, perpassasse um arrepio, só ao pensar que Portugal não teria alcançado esta brilhante proeza se não se tivesse conseguido a famigerada licença patronal de Castro...

Tratando-se de uma pessoa educada e inteligente, era pouco provável que mantivesse a recusa e queremos acreditar que só um conjunto de circunstâncias tenha originado a demora na resolução definitiva. Seja como for, porém, correu-se um risco de não nos apresentarmos a disputar uma prova desportiva, em que se achava envolvido o nome de Portugal, só porque não existe uma lei que determine a conduta patronal num caso de convocação de um empregado para participar numa pugna desportiva, em representação do País.

Em nossa consciência de desportistas, afigura-se-nos que seria oportuna a promulgação dessa lei. Todavia, não nos consideramos habilitados, tanto do ponto de vista jurídico como de imparcialidade, a ponto de preconizarmos tal medida. Limitamo-nos, por isso, a sugerir a quem de direito — e julgamos que o assunto não diz só respeito ao ministério a que se subordina o desporto! — atenção para mais este problema, afinal um dos muitos de índole social que se ligam à assa actividade educativa — recreativa que tanto entusiasma as multões e que no nosso país alcançou já tão considerável incremento que os altos dirigentes da nação são os primeiros a reconhecer e a apreciar.

F. C. PORTO - BENFICA

o grande duelo Norte-Sul

O embate Benfica-Porto, em futebol foi sempre, há longos anos, o «derby» Norte-Sul, o que se explica facilmente, porquanto se trata dos clubes mais populares nas respectivas regiões.

Cingindo-nos apenas aos jogos que disputaram para o campeonato nacional da I Divisão e o seu antecedente da Liga, verifica-se que já se enfrentaram 46 vezes. O Benfica regista 22 vitórias contra 17 triunfos do F. C. Porto. Houve 7 empates.

No Porto, o clube local regista 15 vitórias, 4 empates e 4 derrotas. Em Lisboa, o Benfica conta 18 vitórias, 3 empates e 2 derrotas.

O PRIMEIRO F. C. PORTO - BENFICA

O primeiro jogo entre o F. C. Porto e o Benfica para o campeonato da Liga despertou interesse extraordinário. Tão grande que a C. P. tomou a iniciativa de organizar um comboio especial, a preços reduzidos, para transporte de entusiastas do Benfica, ao Porto. O preço da viagem, de ida e volta, era apenas de 50\$00.

Foi isto há quase 23 anos (Fevereiro de 1935). Conclui-se que houve um aumento de 100 %, nesse capítulo de tarifa ferroviária — iniciativa essa, diga-se, ao tempo raríssima.

O jogo disputou-se no Estádio do Lima, — cheio como um ovo, muito antes de principiar o prélio — e as equipas alinharam:

Futebol ardoroso doutros tempos... Waldemar Motta luta com extraordinária energia com Manuel de Oliveira e Jorge Tavares



F. C. Porto — Soares dos Reis, Avelino e Jerónimo; Nova, Álvaro e Carlos Pereira; Lopes Carneiro, Waldemar, Acácio, «Pinga» e Nunes.

Benfica — Amaro; Gatinho e Gustavo; Albino, Pina e Gaspar Pinto; Domingos Lopes, Xavier, Torres, Rogério de Sousa e Valadas.

O resultado foi de 2-1 e os três golos foram assim marcados:

F. C. Porto, 1-0 — Em contra-ataque, Jerónimo passa a Waldemar, este a Acácio, que deixou seguir para «Pinga», e este para Nunes, o qual centrou. O malgrado Lopes Carneiro internou-se e marcou o golo.

F. C. Porto, 2-0 — Penalty. Artur de Sousa chutou para fora, mas o árbitro mandou repetir o castigo. «Pinga» voltou a marcar, mas Augusto Amaro defendeu, sem bloquear a bola. O mesmo Artur de Sousa conseguiu ainda a recarga. O guar-

da-redes benfiquista ainda tocou no esférico, mas não pôde obstar que entrasse.

Benfica, 1-2 — Dois minutos depois, os visitantes marcaram fixando o resultado, com um remate indefensável de Alfredo Valadas.

*

Depois deste encontro, a sorte tem variado bastante. Durante algum tempo prevaleceram os empates no Porto. Em Lisboa, o Benfica jogava sempre, à excepção da época de 1939-40, em que, pela primeira vez um dos contendores obteve dupla vitória sobre o outro. Nesse torneio, o F. C. Porto sagrou-se campeão. Depois disso, esperou 17 anos por novo título.

Mais feliz nesse capítulo, o Benfica ganhou vários títulos no mesmo período. Mas só em 1942-43 — num ano em que foi também campeão — o clube dos «encarnados» pôde imitar o seu rival norte-nho, triunfando em Lisboa e no Porto.

A mesma proeza foi repetida em 1945-46, 1947-48 e 1949-50 — por parte do Benfica e uma (1950-51), por parte do F. C. Porto.

Há sete anos que os «encarnados» perdem sistematicamente no Porto, o que não tem acontecido com o seu rival, por quanto o F. C. Porto tem alternado derrotas e empates no campo do Benfica.

Nesta série negra das sete derrotas, quatro foram pela expressiva marca de 3-0, precedidas por um equivalente 5-2.

Avizinhando-se um novo encontro — 47.º da série da Liga e Nacional — ocorre a interrogação: conseguirá o Benfica quebrar o «enguiço» que o persegue nas deslocacões à cidade invicta?

Não é fácil um vaticínio peremptório. Trata-se de duas equipas igualmente poderosas, e a vitória tanto pode pender para um lado como para o outro.

No entanto, aqui deixamos expresso um aviso aos benfiquistas que apreciam a estatística:

Há sete anos atrás, ou seja até a época de 1949-50, a proporção de vitórias



Uma blocagem de Romão, observada por Espírito Santo e o antigo jogador brasileiro Ernesto



Benfica ao ataque, Rogério de Sousa e Soares dos Reis saltam à bola, e o «portista» leva vantagem

do Benfica sobre o F. C. Porto era de 2 para 1. Isto é: o Benfica só-mava 18 vitórias e o F. C. Porto, 9.

Pois agora, a posição está, como já citamos: Benfica, 22 e F. C. Porto, 17.

Ou seja: os portugueses «recuperaram» já quatro triunfos nos últimos sete anos. E por este andar, corre sério risco de supremacia do Benfica vinctada ao longo de 23 anos de campeonato...



RESULTADOS DO PORTO-BENFICA NOS 23 CAMPEONATOS

No Porto	Em Lisboa
1934-35 — Porto, 2-1	Benf., 3-0
1935-36 — Emp., 2-2	Benf., 5-1
1936-37 — Porto, 2-1	Benf., 6-0
1937-38 — Emp., 2-2	Benf., 3-1
1938-39 — Emp., 3-3	Benf., 4-1
1939-40 — Porto, 4-2	Porto, 2-3
1940-41 — Porto, 5-2	Benf., 3-2
1941-42 — Porto, 4-1	Benf., 5-1
1942-43 — Benf., 2-2	Benf., 12-2
1943-44 — Emp., 2-2	Benf., 6-3
1944-45 — Porto, 4-3	Benf., 7-2
1945-46 — Benf., 0-2	Benf., 4-0
1946-47 — Porto, 3-2	Benf., 4-0
1947-48 — Benf., 0-2	Benf., 4-1
1948-49 — Porto, 4-3	Emp., 1-1
1949-50 — Benf., 0-1	Benf., 3-2
1950-51 — Porto, 5-2	Porto, 0-2
1951-52 — Porto, 3-0	Benf., 2-0
1952-53 — Porto, 2-1	Benf., 2-1
1953-54 — Porto, 5-3	Emp., 2-2
1954-55 — Porto, 3-0	Benf., 1-0
1955-56 — Porto, 3-0	Emp., 1-1
1956-57 — Porto, 3-0	Benf., 3-2



A ESQUERDA: Foi golo do Porto...



Um remate de Romão à queima-roupa a que Barrigana se opõe com êxito



Bonita fase de futebol, Carvalho faz barreira para a bola não fugir a Barrigana, enquanto Rogério acorre

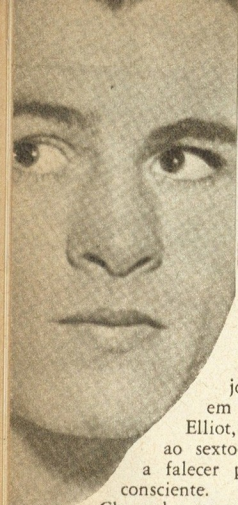


EM CIMA: Félix e Joaquim pretendem alcançar o esférico. Neste jogo o F. C. Porto ganhou por 4-3

A DIREITA: Barrigana bloca a bola, de que Júlio parece andar à procura. Alfredo protege o seu guarda-redes



A DIREITA: Luta viril. Espírito Santo tenta arrebatar a bola a Soares dos Reis. Ernesto observa



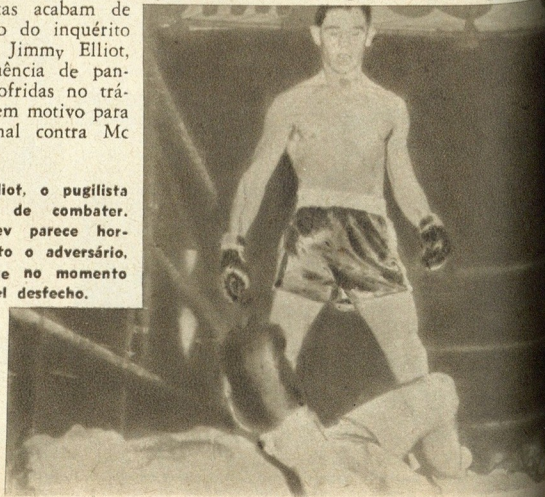
COMBATE DE BOXE

MORTAL!

Após quarenta combates sem conhecer a derrota o pugilista britânico McAteev defrontou em Jonhesburgo, Jimmy Elliot. O sul-africano, após combate duríssimo, impôs a McAteev uma derrota aos pontos. Em segundo jogo entre os dois pugilistas disputado na mesma cidade em Maio passado o seu desfecho não podia ser mais trágico: Elliot, que sofreu duro castigo, não resistiu e foi posto a K. O. ao sexto assalto, e como consequência dos golpes recebidos veio a falecer pouco depois no hospital para onde fora conduzido inconsciente.

Chamadas as autoridades para averiguar da verdadeira causa da morte do infeliz pugilista, iniciaram-se imediatamente investigações e os magistrados e médico-legistas acabam de anunciar o resultado do inquérito a que procederam: Jimmy Elliot, morreu em consequência de pancada ou pancadas sofridas no trágico combate, mas sem motivo para procedimento criminal contra McAteev.

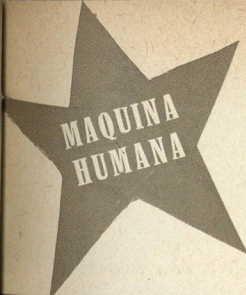
EM CIMA: Jimmy Elliot, o pugilista que morreu depois de combater. À DIREITA: McAteev parece horripilado por ter morto o adversário, mas a verdade é que no momento ignorava o terrível desfecho.



EM VINTE E DOIS DIAS

Derek Ibbotson

participou em dez provas ganhando oito!...



Depois da sua vitória na milha em White City e na qual estabeleceu novo «record» do Mundo, Derek Ibbotson tomou parte em mais nove provas no curto espaço de vinte e dois dias.

Após a sua vitória de White City Derek correu em cinco dias três provas de milha, duas de duas milhas e uma de três milhas, respectivamente em Berwick-on-Tweed, Manchester, Dublin (Irlanda), Newcastle e Londres.

Dezassete dias depois esta autêntica máquina humana voltou a correr outra vez a milha na capital finlandesa (3 m. 59 s. 7/10) e 48 horas volvidos correu os 5.000 metros em Oslo (14 m. e 13 s.). Voltou à Finlândia e correu em Turku novamente para disputar a milha frente ao finlandês Salsvla.

Destas dez provas Ibbotson apenas perdeu a milha de Dublin, que foi ganha por Delany, e a de Turku, ganha por Salsola.

Derek Ibbotson corta a fita de chegada na prova da milha, e na qual, estabeleceu novo «record» do Mundo daquela distância.



SOB O SIGNO DA BICICLETA...

Através desta roda simbolizando uma união velocipédica, o feliz noivo, cuja ventura transparece no seu sorriso, parece ser o conhecido ciclista suíço Hugo Koblet.

Mas não. Não é. Trata-se do francês François Mahé, componente da equipa de França, que no passado dia 5 de Setembro uniu seus destinos a Yolande Le Calvez, filha do antigo campeão francês e actualmente director da equipa velocipédica do Oeste, Léon Le Calvez.

CAMPEÕES DA MARTINICA

A natação nas Antilhas francesas desfruta de muita popularidade, sobretudo quando se trate de provas de fundo.

A cidade de Carbet é um dos centros náuticos mais importantes da Martinica e as provas disputam-se aí, todos os domingos, com grande frequência de nadadores.

O campeão martiniquês, o atleta mais célebre também é Edmundo Grambin, à esquerda, vencedor do título no percurso Três Ilhas-Fort de France.

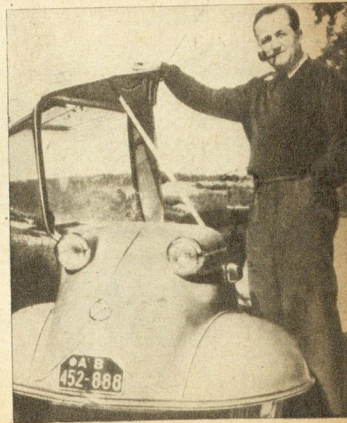
O segundo clasificado foi o negro, à direita, Albert Dussiel,



SO FALTA ENTRAR PELO «CHASSIS»...

No tempo em que o homem podia acompanhar a passo apressado o automóvel, também não havia que dar tratos à imaginação acerca do processo do tripulante se introduzir no carro. Começava, até, por não haver portas, como demonstra esta velha carripiana.

Depois, veio a era das portas laterais, como meio mais simples de introdução do motorista e viajantes. Modernamente, porém procura-se variar a coisa. Já se entra pela frente, pela traseira, e até por cima, como mostram as nossas fotos. Só falta entrar pelos «chassis», o que talvez ainda não tenha ocorrido, aos planificadores...



Reminiscências de BENFIQUISTAS E PORTUENSES

O historial dos jogos Benfica-F. C. Porto é fértil em reminiscências curiosas por parte das suas falanges de sócios e simpatizantes. Quatro figuras conhecidas — dois antigos dirigentes e dois jogadores doutros tempos — depõem para **CRÓNICA DES TIVA**, acerca desse duelo clássico Norte-Sul.

A PRIMEIRA VITÓRIA OFICIAL DO BENFICA NO PORTO

RECORDADO POR JOSÉ CASTILHO

Começamos por escutar o antigo dirigente do Benfica, o sr. José Castilho, que muito gentilmente recordou:

— Sem dúvida, o jogo do Benfica no Porto que mais me emocionou foi o que nos deu a primeira vitória oficial no campo do F. C. Porto. O Benfica ganhou por 4-2. (Verificámos pela pauta dos resultados entre os dois clubes que foi na época de 1942-43, altura em que o nosso entrevistado era director do Benfica).¹

— Recordá-se de algum pormenor desse encontro?

— Sim, este por exemplo: quase a terminar a primeira parte, o nosso defesa César Ferreira teve um choque tremendo com Pratas, ponta direita do F. C. Porto. César Ferreira ficou muito mal tratado na cara, e ao intervalo estava cheio de dores. Eu queria levá-lo a um hospital, e César Ferreira, meio desorientado, a princípio concordava em ir, mas por fim só dizia: «Não, não vou. Tenho que jogar...»

— E jogou?

— Pois jogou — e de maneira formidável. Foi talvez o melhor jogo da vida dele!

PONTAPÉ DE BALIZA REMATE E COLO!

REMEMORA ARTUR DYSON

O antigo guarda-redes do Benfica, Artur Dyson satisfaz também amavelmente o nosso pedido para recordar um jogo com o F. C. Porto.

— Foi nas Amoreiras. Executéis um pontapé de baliza, a bola foi ter a Jorge Tavares, ele parou-a, rematou — e golo do Benfica! — assim rememora Dyson um lance interessante. E acrescentou:

— O guarda-redes do F. C. Porto era então o grande Siska.

— Acha que os jogos Benfica-Porto se revestem de um clima especial?

— Sim, sobretudo no Porto, onde o entusiasmo

é maior, no meu tempo como agora. É muito difícil ganhar no campo do F. C. Porto, mas o Benfica já o conseguiu algumas vezes. É bem o «derby» Porto-Lisboa...

O «PORTO» GANHA AO BENFICA E TOMA EMBALAGEM PARA O TÍTULO

PREVE O DELEGADO
«PORTISTA» EM LISBOA

O sr. Alves da Silva, delegado do F. C. Porto em Lisboa, nunca deixa de acompanhar a equipa do seu clube, estando, portanto bem documentado para nos falar do grande jogo.

Eis as suas primeiras palavras:

— Há 25 anos que acompanho o clube, tendo assistido a quase todos os encontros disputados contra o Benfica.

— Quais os principais jogos a que assistiu?

— Tantos que é difícil, destrinçar. No entanto lembro quando o Porto perdeu por 8-0, os dois célebres jogos dos 6-1 e 0-6, aquele empate 1-1 na Luz nos deu o título há duas épocas e outras jornadas inenunciáveis.

Noutro tempo o futebol era diferente e mais emocionante.

Hoje é muito raciocinado, quase mecanizado, raramente se assistindo a lances em que a técnica individual resolveja jogos... Nesse aspecto, Pinga, um Acácio, Carlos Nunes, Araújo, Waldemar, Valadas, Vítor Silva, Xavier, e outros mais, foram homens que deixaram história.

Quanto ao jogo de hoje, o sr. Alves da Silva, adiantou:

— Confio na tradição radicada nas últimas épocas. Não direi que o Porto triunfe por 3-0, mas... vai ganhar. Adianto mesmo mais. Essa vitória vai servir para a embalagem que dará novo título ao F. C. Porto!...

FORAM SEMPRE JOGOS DE SOFRIMENTO

RECORDA CARLOS NUNES

O internacional Carlos Nunes, elemento que «nasceu nas equipas infantis do clube e cuja camisola envergou mais de 15 épocas, tendo regressado como seccionista de futebol no ano em que o clube ganhou o campeonato, também se mostra francamente optimista sobre o jogo:

— Sempre foram jogos de sofrimento os embates entre Porto e Benfica. Este não tugará à regra. Normalmente o clube que joga em «casa» é favorito, mas foram tantas as vezes em que o vaticínio foi contrariado, que difícil se torna emitir um prognóstico certo. Não obstante, confio amplamente no «meu» F. C. Porto e aguardo que no fim da tarde o «placard» anuncie a nossa vitória.

E Carlos Nunes finalizou:

— Sentirei o mesmo contentamento do tempo em que o F. C. Porto ganhava... e eu era um dos jogadores.



Carlos Nunes — hoje director da secção de futebol do F. C. Porto — foi grande jogador. E-ilo a «cabecear» o esférico, sob as vistas de Domingos Lopes e Rogério de Sousa.



Artur Dyson

A NATAÇÃO BRITÂNICA

confia nas suas jovens nadadoras e já se pensa nos jogos de Roma

Uma das notas mais sensacionais do recente encontro de natação entre as seleções da Inglaterra e da Alemanha Ocidental, que se disputou em Liverpool, em Junho passado e que terminou com a vitória da equipa alemã por 102 pontos contra 84 dos ingleses, foi a integração na equipa britânica de três jovens nadadoras que tiveram neste torneio o seu baptismo internacional.

Foram elas Diana Wilkinson, de 13 anos de idade; Sidney Redwood, de 15; e Ane Marshall, de 16.

Mas das três, a que mais sensação causou foi Diana Wilkinson, que apesar da sua pouca idade, ganhou a prova individual das 100 jardas no tempo de 60 s e 3/10, batendo não só as adversárias alemãs Ursula Brunner e Herta Haase, mas também a sua companheira de equipa Judy Grinham, vencedora da mesma pro-

No mesmo festinal Diana Wilkinson nada as 100 jardas nas quais bateu adversárias alemãs e Judy, igualando o recorde nacional da distância.



Ane Marshall, lança-se à água durante o encontro de natação Inglaterra-Alemanha.

va nos Jogos Olímpicos de 1956, pela diferença de um segundo.

Diana com os seus 60 s e 3/10 igualou o «record» senior britânico estabelecido em 1955 pela nadadora Fearn Ewart e bateu o «record» de juniores.

A jovem nadadora tomou contacto com a piscina pela primeira vez com 8 anos apenas, tendo como seu professor de natação o seu irmão Davis, de 12 anos. Logo começou a revelar excepcionais qualidade. Um ano depois foi entregue aos cuidados do treinador do Stockoftr Club — terra da sua naturalidade — e aos 11 Ray Scholey, o técnico da Natherm Amateur Suinting



A ESQUERDA: A campeã olímpica Judy Grinham uma das melhores nadadoras da actualidade, exhibe a medalha de ouro que conquistou em Melbourne.

A DIREITA: Sidney Redwood, outra das jovens estrelas da natação britânica.



Sidney Redwood, nadou pela primeira vez aos dez anos numa prova infantil de «handicap», que venceu, mas só em 1956 compareceu no nacional de Juniores, nos quais teve comportamento pouco animador.

O mesmo não aconteceu este ano, pois num festival que se realizou em Loughborough, o seu tempo para as 100 jardas foi de 61 s. e 8/10 e duas semanas depois baixou para 61 s. e 5/10 e 61 s. e 1/10. Uma melhoria de 5 segundos e meio nesta curta distância é formidável — e acentue-se que estes tempos não foram alcançados por acaso.

* * *

Anne Marshall, iniciou-se na natação em 1954 — com 13 anos — e em 1955 nadava as 100 jardas em 65 s. e 6/10. Em Setembro de 1956 bateu o «record» nacional de juniores das 110 jardas, distância que nadou em 69 s. e 6 1/10 e melhorou o tempo das 100 jardas para 62 s e 7/10.

No princípio da temporada de 1957 Anne teve de abandonar a sua preparação por ter sofrido uma operação à garganta em Março. Mas em Maio bateu a campeã olímpica Judy Grinham nas 110 jardas e nas 100 alcançou 61 segundos.

* * *

A juntar a estas três raparigas é preciso não esquecer o nome de Judy Grinham, apesar de tudo, considerada uma das melhores nadadoras da actualidade e que tem apenas... 18 anos.

Nunca nos doze anos após-guerra, a Inglaterra teve tantas «esperanças» na natação. Os seus treinadores depositam a maior confiança nelas e têm os olhos postos nos Jogos Olímpicos de 1960, em Roma...

Association tomou conta da sua preparação.

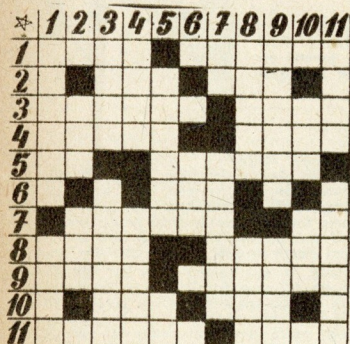
Com esta idade Ray, não autorizou que Diana concorresse aos campeonatos Nacionais Ingleses de Juniores, sob a alegação que era muito jovem. Mas aos 12 anos e meio não teve outra alternativa senão deixá-la concorrer aos mesmos campeonatos, nos quais bateu o «record» nacional da categoria nas 220 jardas. Três meses passados a prometedora nadadora foi a figura saliente nos Campeonatos de Juniores da Comunidade, que se realizaram em Blackpool. A canadiana Susana Grante, de 16 anos, ganhou as duas provas em que Diana interveio (110 e 220 jardas) mas com um escasso segundo de diferença, em luta renhida e emocionante.

Dessa data em diante, os progressos desta jovem nadadora foram rápidos, tudo fazendo prever que se está em presença de uma futura campeã olímpica.

* * *

Sidney Redwood, é filha e digna sucessora de outra grande nadadora internacional britânica de antes da guerra: a olímpica Edna Hughes e neta do «coach» de natação Richard Hughes, seu orientador técnico.

Palavras cruzadas

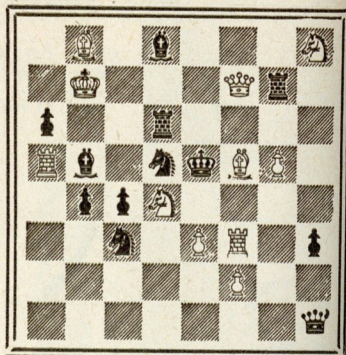


HORIZONTAIS — 1 — Lábios; Jogador do Salgueiros. 2 — Mulher que cria uma criança; Nome de duas espécies de cotovias. 3 — Saia curta e de agasalho que as mulheres usam por debaixo das outras saias; Dança dos Samoanos. 4 — Peça de Xadrez; Parte da margem de um rio ou porto de mar destinada ao embarque e desembarque de mercadorias e passageiros. 5 — Art. pl.; Pancada com ripa. 6 — Grande quantidade. 7 — Clube italiano; Dormir (infantil). 8 — Género de Plantas trepadeiras araliáceas; Denunciar. 9 — Emprego; jogador do Oriental. 10 — Sinal gráfico; Desviar-se. 11 Género de Cogumelos; Compartimento principal de uma casa.

VERTICAIS — 1 — Jogador do Benfica; Jogador do Sporting. 2 — Prep. art. pl.; Possuir o sentido da vista. 3 — Dar queda; Unguento em que entram óleo e cera. 4 — Paixão; Jogador do Belenenses. 5 — Terraplanagem; Soletrei. 6 — Qualquer das duas partes em que se dissociam as moléculas dos electrólitos. 7 — Partícula que, no dialecto provençal significava sim; Jogador da Académica. 8 — Traço; Escarnecer. 9 — Jogador do Benfica; Moeda portuguesa de Dio. 10 — Caminho ou estrada que conduz de um ponto ao outro; Povoação portuguesa. 11 — Cânticos em honra da Virgem ou dos santos. Jogador do Barreirense.

Xadrez

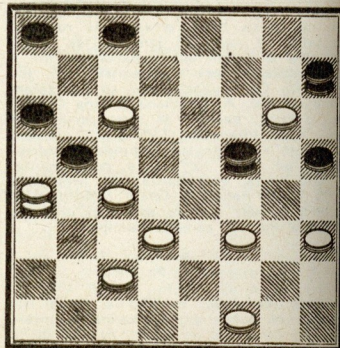
C. MANSFIELD
(Glasgow)



Mate em 2 lances

Damas

JORGE SOEIRO
(Lisboa)



«Mate» em oito lances

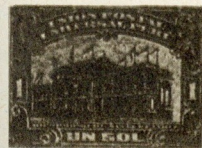
CURIOSIDADES Desportivo-Filatélicas

Proseguindo na apresentação por ordem cronológica, dos selos desportivos, reproduzimos hoje alguns das duas primeiras décadas do século XX.

Como já temos referido, nesses tempos, a ideia desportiva era um tanto accidental. Não focava, em rigor, os acontecimentos desportivos (excepção feita aos jogos olímpicos da Grécia).

Outro: um selo de Epiro, que data de 5 de Março de 1914, e que apresenta um atirador. O desenho é comum em vários valores. O primitivo (de 25 dinheiros) é bastante vulgar, e o seu preço de catálogo (Landmans) é apenas de 60 liras. O tipo modificado, consta de seis valores, o mais valioso dos quais custa cerca de 25\$00.

As duas séries (oito valores) cotadas em cerca de 70\$00.



Vemos por exemplo um selo do Peru, emitido em 18 de Fevereiro de 1907, que apresenta simplesmente um aspecto do hipódromo de Santa Beatriz de Lima. Foi impresso em violeta e verde, e o custo de um exemplar novo é de cerca de 600\$00.



Em 14 de Novembro de 1918 (portanto, poucos dias depois de terminada a primeira grande guerra) emitiu-se na Checoslováquia um selo semi-oficial, por ocasião de uma reunião internacional de escuteiros em Praga. No campo de escuteiros funcionava um serviço postal especial, limitado ao território checoslovaco, pelo que são muito raros, tantos os selos novos como usados.

A estampa é em relevo, dela havendo dois valores, com valor variável, porém. O de 10 dinheiros, está colado como custando perto de 300\$00. Mas com uma sobretaxa com os dizeres Priezed presidenta Masaryka custa alguns 18 contos! O de 20 dinheiros, com a mesma cotação inicial (5.500 liras, novo ou usado), custa 5 contos com citada sobretaxa — esta assinalando a visita do presidente Masarik ao acampamento escutista.





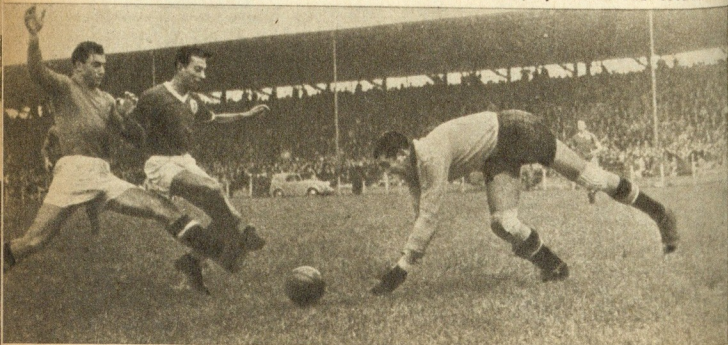
Eis uma fase movimentada que tem o interesse de nela figurarem as quatro torres de Belém — Capela, Vasco, Feliciano e Serafim.

na época de 40-41 onde se manteve no ano imediato.

O seu valor era, porém, demasiado para que os «grandes» não o notassem e assim em 42-43, Capela apareceu a defender as balizas do Belenenses onde se manteve até 47-48. Pelo clube da «Cruz de Cristo» foi campeão regional e nacional, conhecendo ainda a internacionalização, por 6 vezes.

Mais tarde e devido aos estudos que queria prosseguir em ambiente mais

Capela não tinha a menor dificuldade com bolas rasteiras, apesar da sua estatura.



Do álbum de

O «KEEPER» DA VITÓRIA SOBRE A ESPANHA

Alastou-se não há muito da actividade futebolística e o seu nome é recordado com frequência. Foi grande entre os grandes — e não só no tamanho do físico, pois mede 1^m.83... — teve exibições que jamais esquecem. Chama-se Manuel Capela, nasce em Angeja a 9 de Maio de 1922 e começou a jogar futebol oficialmente pelo Ovarense



CAPELA

adequado, Capela trocou o Belenenses pela Académica onde se manteve até abandonar a actividade. Desde 1949 a 1955, Capela foi o guarda-redes dos capla-negras.

Vimo-lo há tempos no Estádio da Luz, quando da visita do Sevilha. Confidenciou-nos que a paixão pelo futebol já lhe tinha passado, e que nem por isso muitas saudades lhe deixou...

O seu nome ficou ligado ao da primeira vitória sobre a Espanha — a dos 4-1 em 1947, no Jamor. Batido no primeiro minuto, Capela não se descontrolou e não mais consentiu golos nessa memorável partida.

Manuel Capela é hoje funcionário destacado no Grémio de Hoteleiros de Coimbra e continua a contar inúmeras amizades no meio desportivo, bem como um amigo em cada jornalista com quem ele privou.



Ai vem a bola! Capela, Peiretoe, Vasco e Feliciano aguardam-na com expressão ansiosa.

Este não conseguiu Capela evitar...





CAMPBELL

e o ∞

(Sinal do infinito...)

Este é o homem mais rápido do Mundo sobre a água. Donald Campbell, ao apresentar o seu barco, «Pássaro Azul», bateu novo recorde mundial.

Junto dele, tão sorridente e feliz como o campeão, está sua esposa.

Os números e letra que aparecem desenhados na parte do barco que vimos na foto significam: o 8, escrito deitado, é o signo grego do infinito.

O K-7 é a matrícula britânica do barco a reacção.

Desta maneira, Donald Campbell espera não ficar por aí... nos seus recordes.

ATLETAS FRIORENTAS...

Se a pequena da direita sorri, a da esquerda denuncia bem, no semblante desconsolada a razão por que as duas, muito agarradinhas, se enrolam num cobertor.

É que o vento frio que passava pelo Estúdio era de respeito. Por esse motivo, a atleta polaca Kowska, à esquerda da italiana Masoero resolveram tomar as providências, que a foto ilustra.



SABE QUE
EQUIPA
É ESTA ?

é a equipa do Sporting! — replicará o leitor, logo à primeira vista. Mas reparando bem encontrará dois jogadores que nunca foram do Sporting, senão por «empréstimo»: Serafim e Ben David. Em que ano sucedeu tal? Em que país?

Resposta na página 32.

Entretanto, assinalamos os nomes dos jogadores fotografados: De pé Azevedo; Juvenal, Serafim, Juca, Passos, e Canário; Jesus Correia, Vasques, Ben David, Travaços e Albano.

Este cidadão da Nigéria, chamado Olabisi Ajala, tem na realidade um ar de quem se está divertindo muito. O seu sorriso é significativo.

Pois Olabisi anda a dar a Volta ao Mundo em «scooter».

MAIS UM A DAR
A "VOLTA AO MUNDO"

Tenciona o homem da Nigéria ir a Londres, Moscovo, Pequim, e, depois... Ásia, África, América.

Fiquemos na expectativa. Por enquanto, ele só conseguiu ir de Berlim a Varsóvia. Não é muito, mas já mostra vontade...



OS SILVAS E O DESPORTO NACIONAL

As curiosidades onomásticas não perderiam esquecer a presença dos **SILVAS** no Desporto Nacional. São muitos e, alguns, de muito valor. Aliás o apelido é, para Portugal, uma espécie dos Smiths, em Inglaterra ou dos Hernandez, em Espanha, bastando para confirmá-lo a citação de que só a lista telefónica de Lisboa tem 22 páginas de **SILVAS**, cu seja aproximadamente 5.200 indivíduos — só dos que têm telefone!

Aplicando o tema ao Desporto, muito temos por onde nos espraíar. Por exemplo: em cada modalidade desportiva, há um elemento **SILVA** em plano de evidência.

Ora reparem e anotem:

ESCRIMA	— Cap. Andrade e SILVA (sabre)
BOXE	— Rafael da SILVA
ANDEBOL	— Hermínio SILVA (Sporting)
ATLETISMO	— Manuel da SILVA (Sporting)
CICLISMO	— Ribeiro da SILVA (Ac. do Porto)
NATAÇÃO	— José da SILVA (Funchal)
AUTOMOBILISMO	— Amadeu Santos SILVA (Sporting)
ÓQUEI EM PATINS	— C. SILVA (Cascais)
HIPISMO	— Cap. Duarte SILVA
TENIS DE MESA	— Rebelo da SILVA (camp. Universitário — TÉCNICO)
VOLEIBOL	— Costa e SILVA (Sporting)
TENIS	— José da SILVA
VELA	— Bustorff SILVA
BADMINGTON	— Eng. Trigo da SILVA (Sporting)

Reparem-se na quantidade de **SILVAS** nas fileiras do Sporting.

*

Nas 14 modalidades citadas não incluímos o futebol. Fizemo-lo propositadamente para o escalar-mos e lhe conferirmos atenção especial na «história dos **SILVAS**».

Assim, na I Divisão temos: **Carlos Silva** e **Alberto Silva** (Tito), do Belenenses, **Carlos Silva** e **Oswaldo Silva**, do Sporting, **Pedro Silva** e **Rui Silva**, do Benfica, **Francisco Silva** e **Carlos Silva**, do Barreirense, **Oswaldo Silva**, do Porto, etc.

Na II Divisão, a série tem boa continuidade: **Silva** (Olanhense), **Silva** e **Vieira** da **Silva** (V. Guimarães), **João** e **António Silva** (Arroios), **Raul Silva** (Estoril), **Jaime Silva** (Almada), **Oscar da Silva** (Sp. Covilhã), **Silva** (Sanjoanense), etc.

A «inundação» dos **Silvas**, como curiosidade, aqui está bem expressa. E há decerto bastante mais do que os citados. Como amostra, porém, cremos que basta.

Finalizamos com um caso verídico referente aos **Silvas** que nos foi contado por testemunha do ocorrido.

Eu: em Maio último, estava a Selecção Nacional em Belfast para defrontar a Irlanda do Norte.

Como é habitual, houve o banquete de confraternização e ao ser feita a distribuição dos lugares da escassa dezena de portugueses presentes, na típica pronúncia inglesa ao tentarem falar português, foi-se ouvindo:

Dr. Tavares da **SILVA** (seleccionador nacional), Augusto **SILVA** (treinador), Dr. Cago da **SILVA** (médico da equipa), Augusto **SILVA** (locutor da BBC de Londres), Jorge Teixeira da **SILVA** (funcionário superior da CUF, ocasionalmente em serviço em Belfast).

Comentário de um irlandês: o futebol em Portugal é só para a família **SILVA**?

HUMBERTO E JULINHO -dois "cracks"...

Há alguns anos atrás, os «guris» Humberto TOZZI e Julinho, destacados participantes dos embates dos «pelados» paulistas, não sonhariam com a faustosa riqueza que lhes bate à porta, presentemente.

Creeceram juntos e atingiram simultaneamente a celebridade: Humberto, no Palmeiras, após ter sido o *astro* da equipa amadora do Brasil nos Jogos Olímpicos de Helsínquia, em 1952; Julinho, na Portuguesa Paulista, onde foi considerado em 51-52 o «maior» de todo o Brasil.

Chegaram a constituir a asa direita da Selecção do País e hoje formam um binário que, atraído a «loucura» das liras italianas, sacam de lá alguns bons milhares

...com conta no Banco de Itália...

que devem garantir o futuro: Humberto está no Lazio de Roma e Julinho no Florentino (ou para lá caminha).

Na gravura vemos os dois elementos em causa, num treino de há anos pela selecção brasileira. Julinho é quem transporta às costas o competido Humberto.

Mostram-se alegres, folgazões, despreocupados. Verdade seja que no instante actual têm redobrado razão de assim se manterem, totalmente felizes, porque os milhões de liras arrecadados já lhe garantem grande arma para o FUTURO: optimismo e conta no Banco.



Esta semana fazem anos...



Mendonça



Pires



Entre os aniversariantes desta semana figuram algumas «estrelas» de primeira grandeza no mundo da «bola».

Na terça-feira, para principiar temos **Pires** (Covilhã) e **Fernando Mendonça** (Braga).

Fernando Manuel Mendonça nasceu em Luanda em 15 de Outubro de 1931, pelo que perfaz 26 anos. Oficialmente representou o Sporting (1949 a 1951 e 1952 a 55), Juventude (1951-52), Torriense (1955-56) e Sp. Braga (desde 1956-57). É internacional «B».

Fernando da Silva Pires nasceu em Carnaxide (Olivais) em 15 de Outubro de 1932. Clubes representados: Benfica — 1950-51 a 53-54 (com excepção de 52-53, emprestado ao Almada); Leões de Santarém — 1954-55. Desde 1955-56 — Sporting da Covilhã.

Na quarta-feira: **Palmeiro**, **Marciano** e **Arsénio**. Este último — **Arsénio Trindade Duarte** — nasceu no Barreiro, em 16 de Outubro de 1925. Clubes: 1941-42 — Barreirense; 1942-43 a 54-55 — Benfica; desde 1955-56 — Cuf. É internacional. Completa 32 anos.

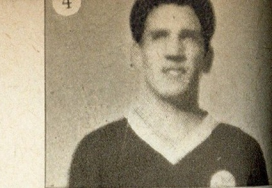
Marciano da Costa nasceu em 16 de Outubro de 1934 em Bissau (Guiné), inscreveu-se em 1954-55 no Covilhã e desde 1955-56 no Lusitano.

Francisco Palmeiro Rodrigues nasceu em Arronches em 16 de Outubro de 1932 (faz pois 25 anos). Em 1951-52 principiou a jogar oficialmente no Portalegrense. Em 1953-54 ingressou no Benfica. É internacional.

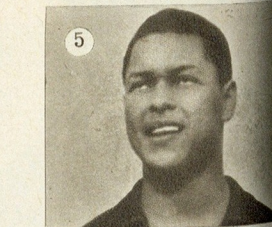
Mais dois aniversariantes, na 5.ª-f. **Wilson** e **Bastos**.

Mário Wilson nasceu em 17 de Outubro de 1929, em Luanda. Completa, pois, 28 anos. Clubes oficiais: 1949-50 a 50-51: Sporting. Desde 51-52: Académica. É «internacional B».

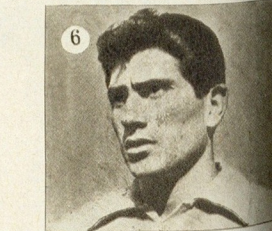
José Manuel Bastos nasceu em Alquerubim (Aveiro) em 17 de Outubro de 1929, sendo pois da mesma idade que Wilson. Jogou desde os juniores no Benfica.



Palmeiro



Wilson



Bastos

Na sexta-feira, faz também 28 anos **Fernando Pinto Vieira**. Nasceu em S. Cosme (Gondomar) em 18 de Outubro de 1929. Jogou nos juniores do F. C. Porto em 1947-48, manteve-se neste clube até 52-53, e desde 1953-54 que actua no Sp. Braga.

Finalmente, no sábado completa 29 anos **António Pedro da Silva**, que nasceu em Vila Franca de Xira em 1928. Jogou no Operário Vilafranquense em 1945-51 e desde 1951-52 que está no Caldas:



CRÓNICA
DESPORTIVA
APRESENTA

HERNANI

— o portento de Agueda

Hernani — o excelente avançado do F. C. Porto e das seleções nacionais federativa e militar — quem não o conhece? Poucos adeptos do futebol responderão negativamente.

E a sua história — quem a desconhece? Isso, só depois de ler o que se segue se poderá responder...

*

— Senhora Dona Aurora! Andá ali um senhor que quer falar com o menino Hernani e quer levá-lo para o Porto — assim dizia, certo dia do verão de 1948, um miúdo à mãe do agora consagrado futebolista Hernani, quando, ofegante, batia à porta de sua casa.

Realmente assim era. O antigo guarda-redes «internacional» Soares dos Reis, ao tempo já director da colectividade «azul e branco» e que por hábito velho tinha o costume de andar à espreita de rapazes com jeito para o futebol, para os trazer para o seu clube, lá fora um dia de abalada até à ridente vila de Agueda, no distrito de Aveiro, terra natal do Hernani.

— Mas a coisa ia-lhe correndo mal, se não fosse a minha apaziguadora intervenção — confessou-nos o categorizado jogador ao descrever-nos a sua biografia.

— Já agora, conte-nos lá como isso se passou? — apelámos então.

— Muito facilmente — começou por relatar — Senti que apressadamente ba-



Dois remates no estilo de Hernâni, um na selecção nacional militar e outro na civil, contra o Luxemburgo.



tiam à porta. Minha mãe veio ver quem era e eu seguia-a a poucos passos. Mal ouvi o recado, minha mãe, que nunca via com bons olhos que eu praticasse o futebol, enervou-se vociferando não sei quantas promessas de vingança. Entretanto, outras pessoas, certamente avisadas pelo mesmo miúdo a quem o sr. Soares dos Reis tinha pedido para que o informasse da minha morada e a quem, talvez distraidamente, perguntara se eu realmente jogava bem à bola, acorreram às proximidades de minha casa, revoltados e dispostos a fazerem pagar cara a «ousadia» de me quererem desafiar a abandonar Águeda.

«Então — prosseguiu Hernâni — sai à porta, depois de ter sossegado minha mãe, e voltando-me para aquela meia dúzia de pessoas que se haviam aproximado, disse-lhes:

«Estejam descansados! Eu não atenderei ninguém. Deixem andar quem anda, que comigo ninguém falará. E retirei-me para dentro a afagar, de novo, carinhosamente minha mãe e minha avózinha (que Deus tenha) e que, de forma alguma queiriam que eu praticasse futebol.

E Hernâni prosseguiu:

«E a verdade é que não houve sari-lho. O sr. Soares dos Reis que, entretanto, encontrara meu pai, retirou-se para o Porto, sem grande sucesso. A gente da minha terra viu que eu tinha cumprido a minha palavra, não tinha saldo de casa, nem tinha atendido o «tal senhor do Porto» e ficou satisfeita.

«Mas afinal tinha de ser — interrom-

pemos. — O Hernâni sempre havia de ingressar no F. C. Porto...
— Sim, e não estou arrependido, apesar da vida de profissional de futebol ter os seus espinhos...»

QUANDO «MENINO E MOÇO»

Fora isso, como já dissemos, no verão de 1948, Hernâni completara uns dias depois (nasceu a 1 de Setembro de 1931) dezoito anos.

E o que foi a sua meninice conta-se em duas breves pinceladas, ricas de cobrido, próprio de quem faz uma vida sã de amor familiar. Hernâni tinha, de facto, acima de tudo e ainda o culto da família.

Filho único, constituía o maior «tesouro» de seus pais. — D. Aurora Augusto da Silva, que por nada deste mundo consentia em que lhe falassem no jogo da bola e Manuel Ferreira Balreira que, apesar de cem por cento desportista, também não morria de amores pelo futebol. O basquetebol, sim, era o seu desporto favorito, tendo-se salientado nessa modalidade e chegando mesmo, quando viveu, em solteiro, em Lisboa, a representar o Benfica, embora em categorias inferiores.

Hernâni, como todos os miúdos, logo na escola primária se entretinha, nos intervalos, a dar os seus pontapés na clássica bola trapelra.

Simultaneamente, e sempre que podia,

lá ia com o pai, pela sua mão, até ao campo do Recreio de Águeda, clube de que aquele fora sete ou oito anos presidente da Direcção, e ali se entretinha, quantas vezes, a chegar a bola aos jogadores que a tinham deixado sair pela linha de cabeceira. Se tinha tempo de lhe dar o seu pontapéto, então Hernâni redobrava de contentamente. Sempre era uma bola a sério...

Depois, na Escola Comercial, a par dos estudos decidiu-se a «ingressar» no primeiro «clube» da sua vida. Com outros rapazes, cuja quota era de dois tostões, formou o F. C. do Adro, de onde se pas-

sou, depois, para o Clube do Bairro da Venda Nova, sem necessidade de «carta» de desobrigação. Aliás, se esta fosse necessária, por certo que já lhe não concederiam pois Hernâni mostrava já a sua enorme aptidão para o futebol.

Porém, quando chegados aos quinze anos, Hernâni e os seus companheiros entenderam que era chegada a hora de formarem um grupo mais a sério e, então, decidiram-se a fusionar aqueles dois clubes.

BENFIQUISTA POR DENTRO, CAMISOLA «AZUL E BRANCA» POR FORA

Surgiu, por isso, o F. C. de Águeda, que naturalmente tinha por equipamento o mesmo do F. C. do Porto.

Hernâni não ficou muito satisfeito com a ideia, pois que, se ele era todo benfiquista (já seu pai o era também) porque havia de ser escolhidos equipamentos iguais ao do F. C. do Porto?!

Enfim, embora um pouco remoldo, a coisa passou, pois que, apaixonado, como ainda hoje, pelo jogo da bola, o que interessava era fazer boa figura. Toca a treinar. E de tal maneira que em breve o prestígio alcançado pelo F. C. de Águeda era já conhecido por toda a Bairrada.

A trombeta da fama ecoava já por terras distantes, inclusive Porto e Lisboa. E os «pesqueiros» de um e outro lado começaram a ser notados.

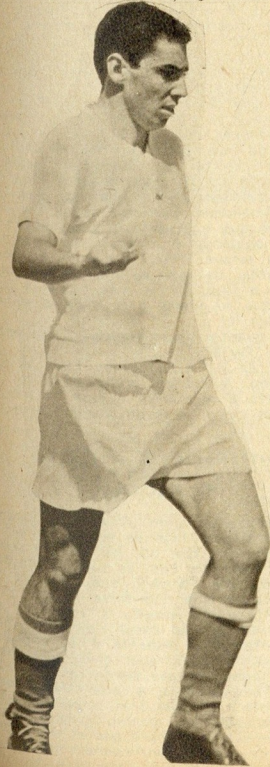
Contudo, Hernâni tinha feito uma promessa a si mesmo: — a de jogar no Clube principal da sua terra — o Recreio de Águeda. E a verdade é que, rapaz que primou sempre por ser escravo da sua palavra. Por isso, o vimos depois a envergar a camisola do clube de que seu pai fora director — o clube da sua terra. E aos 18 anos alinhava já na 1.ª categoria.

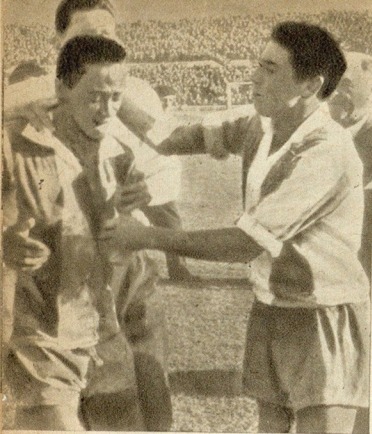
A ACADÉMICA — PRIMEIRO CLUBE ONDE TREINOU

Fora no ano anterior, ia fazer 17 daí a dias, que o antigo guardião e director do F. C. Porto, Soares dos Reis, estivera em Águeda: Terminara Hernâni o seu curso de comércio.

Era ao tempo treinador do F. C. Porto, Alberto Augusto. Para que Hernâni ingressasse no clube «azul e branco» da

Só com muitas horas de trabalho se consegue o domínio de bola de Hernâni.





Depois do empate na Luz, em 1955-56, Miguel Arcanjo comoveu-se e Hernâni acarinha-o.

cidade Invicta, prometeram-lhe que Alberto Augusto o incluiria na equipa que, nesse verão, o F. C. Porto deslocava a África.

Mas Hernâni, já então extraordinariamente «namorado», não se deixou seduzir por tal ideia.

É mesmo o consagrado «internacional» que nos afirma:

— Eu via-me assediado por todos os lados. Quando ainda tinha 16 para 17 anos, e sem minha mãe de tal ter conhecimento, fui treinar à Académica, a Coimbra. Foi o primeiro clube de categoria que me convidou a ingressar nos seus quadros. Depois, mais tarde, foi o Benfica, por intermédio dos senhores Xavier e Vargas, o primeiro dos quais me parece que era seu director, que igualmente pretendia os meus serviços. Mas ao campo do Benfica nunca cheguei a ir treinar. Era longe. E como havia eu de fazer para encobrir à minha mãe? Não, nunca fui. Foi então que, mais uma vez se radicou em mim a ideia de cumprir a promessa que eu fizera a mim próprio. E então, orgulhoso, lá enverguei a camisola do clube do Recreio de Agueda.

— Mas, ao fim e ao cabo, lá foi parar ao F. C. Porto?

— É verdade! Não sei porquê — dizem que por eu cada vez mostrar mais habilidade — os senhores do F. C. do Porto nunca me perderam de vista.

— Mas sempre foi Soares dos Reis que

conseguiu a sua transferência para o Porto?

— Foi ele talvez quem me «descobriu». Mas depois daquela cena, que já lhe contei as diligências passaram a ser tentadas, sob astuta «camuflagem». O sr. António Marcolino, hoje no Brasil, ao tempo director do F. C. do Porto (o sr. Soares dos Reis parece que tinha terminado o seu mandato), era muito amigo do sr. Joaquim Valente de Almeida, meu patrão. Sim, porque eu, concluído o meu curso na Escola Comercial e Industrial Madeira Pinto, lá da minha terra, passei a empregado de escritório. E era então o sr. Valente de Almeida que sempre que apanhava meu pai a jeito «lhe mordida o bichinho do ouvido» como soe dizer-se, quer dizer, lá convenceu, após diligência bem conduzidas, tudo conseguiu.

— E que dizia a isso sua mãe?

— Isso é outra história. Meu pai, então já convencido, começou a tocar no assunto, ao de leve. Hoje, amanhã, depois, até que um dia foi combinado, em segredo, uma visita do sr. Valente de Almeida a nossa casa sem que minha mãe sonhasse a sua finalidade. Conversa daqui, conversa dali, até que o assunto veio à baila. Meu pai foi ajudando a pretensão, e, às tantas, a coisa estava meia. Mas com a condição formal de que eu iria dormir todos os dias a casa. Minha mãe podia lá consentir que eu viesse para o Porto e dormisse por lá!...

— E quantas vezes treinava nessa época o F. C. Porto?

— Só às 3.^{as} e 5.^{as} feiras. Eram os dias de treino. Vinha eu então ao Porto de camioneta e regressava a casa no mesmo dia. Eram cinco horas de viagem entre ida e volta.

INTERNACIONAL — 13 VEZES NA MILITAR E 13 NA NACIONAL

Os tempos rodaram. A vida de jogador profissional tem hoje os seus espinhos. E de tal maneira que não há remédio senão cumprir cada um com as suas obrigações. Por isso, hoje Hernâni, aliás já com 26 anos, mesmo que não fosse jogador profissional teria já direito à «dispensa de recolher». Ou não fosse ele, agora, furiel. Portanto, a dispensa é só aplicável às praças. Hernâni, quer civil, quer mesmo militarmente, está isento dessa formalidade. Familiarmente, a coisa está já completamente resolvida. Mas, graças à educação recebida em menino e moço, Hernâni, ainda hoje, sempre que as suas obrigações de jogador profissional ou de seleccionado militar, vai para casa de seus



Contra a selecção da Argentina, Hernâni até parecia um «argentino», na forma filigranada de jogar...

pais, para a sua terra, aguda sem necessidade de se preocupar com os horários das camionetas graças ao seu automóvel.

Ao cabo de algum tempo de conversa, procuramos arquivar algumas opiniões suas, a propósito da sua carreira futebolística. E naturalmente, começamos por interrogá-lo sobre quais os treinadores que até hoje teve.

— O primeiro foi Alberto Gonçalves. Estava ele ao tempo ao serviço do Beira-Mar, de Aveiro, que mantinha já, nessa época, sérias pretensões à entrada no campeonato nacional da II Divisão. Eu começava a jogar futebol a sério. Actuava, naquele ano, como já disse, no grupo da minha terra — no Recreio. E Alberto Gonçalves, de Aveiro, passou a ir a Agueda umas duas vezes por semana. Foi o primeiro treinador que tive. Até aí tudo o que fazia era por intuição, era o que saía. E realmente, graças aos ensinamentos de Alberto Gonçalves, muito aprendi. Devo-lhe na verdade aqueles francos conselhos que muito nos elucidam, quando principiamos a praticar tão difícil arte. Sim, porque apaixonado como sou pelo futebol, só o posso conceber como uma verdadeira arte, que é. Os outros treinadores, já dentro do F. C. Porto, foram: o inglês Vogel, Genesi Dezzo, o inesquecível Viaschetto, Pasarin, Artur Baeta (transitoriamente), Cândido de Oliveira, Fernando



Fintando um adversário, no Portugal-Itália militar.



Num treino, escondendo a cara atrás da bola...

Vaz, Douval Kuippel, Flávio Costa e outra vez «Yustrich» na época presente.

— Mas isso foi no F. C. Porto. Mas esteve no Estoril e dizia-se que ingressaria no Belenenses, como se passou tudo isso?

— Eu lhe conto. Quando fui apurado para o serviço militar, fui parar a Lisboa, ao Regimento de Cavalaria 7, em Belém. E, às tantas, comecei a ser assediado por elementos do Belenenses, na altura em que o F. C. Porto se mostrou interessado em Pedroto. No entanto, o Belenenses pretendia fazer a troca em definitivo. Ora, eu opuz-me a tal. Só me interessava jogar na capital enquanto lá fosse tropa, pois que atraía-me ao Norte a minha casa de Agueda. A minha ideia era que o F. C. Porto recebesse Pedroto e em vez de pagar, por exemplo, 300 contos, cedesse ao Belenenses a minha «carta» de desobrigação por uma época e entregasse menos, por exemplo, 200 contos ou que concertassem entre os dois clubes.

E prosseguindo, após breves segundos:

— Ora, como tal proposta não chegou a bom termo, decidia-me a ficar inactivo. No entanto, em breve ia eu parar ao Estoril. Foi o seu último ano da I Divisão. O secretário geral do Estoril Praia, sr. Ernesto Tomaz, pessoa por quem tenho a maior consideração e estima ainda hoje, depois de porfiados trabalhos sempre conseguiu que eu ingressasse no Estoril. E como senti certa resistência por parte do meu clube, não tive outro remédio senão pedir a transferência ao abrigo da lei especial para militares.

— Então o Estoril nada pagou?

— Eu nada pedi: Todavia, no dia da minha estreia oficial pelo Estoril, e quando



No lar do F. C. Porto, com Gastão, Eleutério, Zé Maria, Pedroto e Sã Pereira.

estava no balneário a equipar-me, os dirigentes estorilistas, numa atitude de franca gentileza que nunca esquecerei entregaram-me, entre meia dúzia de palavras amigas, um envelope. Continha dez contos. Depois, lá fui desempenhando o meu dever de jogador como sabia e podia, até que tive de regressar ao Porto. Mas ainda hoje conservo gratas recordações do Estoril, a tal ponto que acompanho pelos jornais a sua carreira durante os campeonatos.

— Regressado ao F. C. Porto tinha o seu lugar em aberto?

— Sim, nessa altura já. É claro, fui ascendendo com o tempo, porque, anote, quando em novato iria de Agueda para o F. C. Porto tive de «marcar passo». Araújo e «Nelo» eram jogadores de primeira linha, especialmente o primeiro. E, portanto, tive de aguardar a minha vez, naturalmente, de subir à 1.ª categoria.

— E quando se estreou pelo F. C. Porto?

— Em jogo particular. Foi no campo da Constituição, precisamente contra o Estoril Praia, em que ganhamos por 4-3, sendo eu curioso — serviu para reatamento de relações entre os dois clubes que representei durante a minha carreira desportiva, não falando, claro, no «Recreio» da minha ter-

ra. E mais, nesse mesmo jogo, tinha reaparecido Araújo, depois da operação que sofrera, que o forçara a certa inactividade. Foi eu quem entrou, depois, a substituí-lo.

— E, oficialmente, quando?

— Em 1950, na Tapadinha, contra o Atlético, em que o F. C. Porto perdeu por 4-1.

— E, pelo Estoril, na época que lá esteve?

— Pelo clube da Costa do Sol joguei todo o campeonato. Portanto, a estreia foi no da primeira jornada, não recordo qual o adversário.

— E quantas vezes foi já seleccionado?

— Olhe, pela equipa nacional (civil) 13 vezes e pela militar, outras 13, não incluindo, claro está, neste número, os encontros que agora fomos disputar a Angola e a Moçambique.

— Quando se estreou na selecção militar?

— No primeiro torneio que se realizou, na Bélgica. Defrontamos a Grécia, a quem vencemos por 1-0, com tento de Faia.

— E pela equipa civil das quinças?

— Foi em Lisboa, contra a África do Sul, a quem vencemos por 3-1, tendo sido eu o autor do segundo tento.



Chegada ao aeroporto da Beira, Africa Oriental Portuguesa. Os quatro jogadores militares do F. C. Porto — Arcanjo, Sarmento, Barbosa e Hernâni fotografam-se junto do delegado daquele Clube, sr. Elísio Ferreira.



O furiel Hernâni, «capitão» da selecção militar recebendo os cumprimentos de um oficial, em Lourenço Marques.

Escolha de campos num jogo em Lourenço Marques.



FRACAS RECORDAÇÕES DO MÉDIO ESQUERDO DA TURQUIA

Todos os atletas têm recordações da sua actividade passada. Hernâni, apesar de jovem ainda, guarda já na sua memória boas e más recordações (maior número de boas, naturalmente...). Algumas delas merecem citação. Por isso, indagámos:

— Qual, dentre todos, o guarda-redes que mais o impressionou até hoje?

— Dos portugueses, Carlos Gomes. Dos estrangeiros, talvez o guardião alemão que actuou no Portugal-Alemanha em que eles ganharam por 3-0, na época de 1955-56. Eu não joguei. Estava a suplente, por isso pude apreciar bem a sua maravilhosa, mais, a sua espantosa exibição.

— É qual o seu mais difícil adversário? Notamos certa mudança no semblante de Hernâni. Vimmo-lo de mau cariz, por certo como sinal de fracas recordações.

— O médio esquerdo da Turquia, quan-



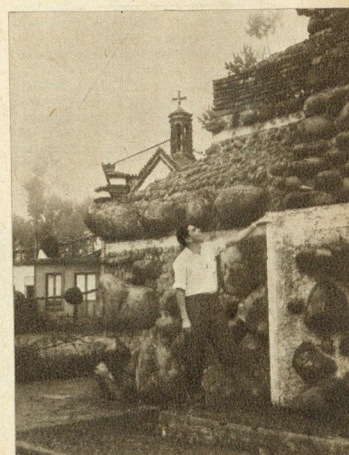
Com Mota Veiga, actualmente seu colega de equipa!



Na Madeira, admirando o monumento de Nossa Senhora da Paz, no Terreiro de Luta.



Hernâni, jogador do Sporting e Nacional da Madeira (por empréstimo...)



do lá jogamos. «Mimoseou-me» sempre com fortes pontapés. É triste quando assim acontece...

— E o dia mais alegre da sua vida desportiva?

— O dia... talvez dois dias: o primeiro, quando fui escolhido pela primeira vez para a selecção nacional; o outro, foi quando ganhámos o título nacional, na penúltima época.

— O mais «triste»?

— São tantos... sabe-se lá como escolher. Talvez, o jogo contra o Atlético, da época passada, no nosso estádio, em que empatando, perdemos o campeonato nacional. Não joguei nesse dia; senti talvez por isso mais do que se tivesse jogado. Foi uma tarde triste, de facto.

— Agora, diga-nos, qual o seu melhor jogo?

— É difícil. Mas, talvez, no segundo ano em que alinhei pelo F. C. Porto, no encontro que disputámos em Guimarães, contra o Vitória, em que ganhámos lá por 4-2.

SE CASAR E TIVER FILHOS INDICAR-LHES-EI A ACADEMICA...

Se bem que Hernâni seja dos mais briosos profissionais, tal o seu entusiasmo pelo futebol, como jogo-arte, e nada justifique o seu desinteresse pela modalidade — antes pelo contrário, quisemos surpreendê-lo com esta pergunta:

— Não estará aborrecido por ter seguido a carreira de jogador de futebol?

— É uma pergunta que me deixa embaraçado. Será difícil a resposta. Mas vamos a ver como dela me hei-de desembaraçar. Deixe-me pensar... Olhe, tenho vivido alguns bons momentos, a par de outros que nos constriam. Mas olhe que não é das melhores coisas.

Hernâni falava um tanto em função do seu subconsciente. Concentrado, remexia um livrito entre as mãos. E, então, confidenciou:

— Amanhã, quando casar e que tenha um filho com habilidade para o futebol, antes de mais nada, farei todos os esforços para que não queira jogar à bola, mas se de todo em todo tal não puder opôr-me pela força das circunstâncias, então indicarei-lhe o caminho de Coimbra. Um rapaz com habilidade deve servir-se dela para se instruir, chegar a ser alguém na vida, socialmente. Na A. Académica há, quanto a mim, uma maneira diferente de se ser jogador de futebol. E a cultura, a conclusão de um curso, enfim, a educação é factor primordial na vida.

A seguir:

A história de LEITÃO

— «capitão» (?) do Clube
Oriental de Lisboa

Soluções dos passatempos deste número

PALAVRAS CRUZADAS — HORIZON-

TAIS: 1. Boca, Porcel; 2. Ama; cia. 3. Saiote; siva. 4. Torre; cai. 5. Os; ripada. 6. Ror. 7. Verona. 0-0. 8. Hera; trair. 9. Usam; Leitão. 10. Til; sai. 11. Ozónio; sala. **VERTICAIS** — 1. Bastos, Hugo. 2. Aos; vês. 3. Cair; cerato. 4. Amor; Ramin; 5. Aterro; li. 6. Ion. 7. Oc; Prates. 8. Risca;

Rias. 9. Caiado; atia. 10. Via; Oiã. 11. Loas; Corona.

DAMAS — 23-28, 10-13; 15-19, 17-3; 25-18, 7-12; 9-13; 2-5 e 12-15.

XADREZ — B c 2.

FOTO-ENIGMA — Brasil, 1951

NESTE NÚMERO:

F. C. Porto - Benfica. o grande duelo Norte-Sul!

